

CONTRIBUIÇÕES DA FILOSOFIA DE LUDWIG FEUERBACH PARA UMA ONTOLOGIA MARXIANA

Aldenir Costa da Silva Júnior *

DOI: <https://doi.org/10.52521/occursus.v9i1.13219>

RESUMO

A crítica de Ludwig Feuerbach (1804 – 1872) à tradição especulativa e seu projeto de uma filosofia do futuro, cujo modo de proceder tomasse o ser humano e a natureza em sua integralidade, abriram caminhos para novas possibilidades dentro da filosofia. A superação das problemáticas especulativas por Feuerbach tornou possível a ascensão de um novo materialismo, diferente do mecanicismo vulgar moderno, e capaz de reconduzir o esforço filosófico em direção aos problemas reais do homem. A construção de uma nova filosofia por Feuerbach é um dos alicerces para o desenvolvimento e percurso do pensamento de Karl Marx (1818 – 1883).

PALAVRAS-CHAVE

Feuerbach. Marx. Marxismo. Ontologia. Sensibilidade.

ABSTRACT

The Ludwig Feuerbach's (1804 - 1872) critique of speculative tradition and his project of a philosophy of the future, whose way of proceeding to conceive human beings and nature in their entirety, opened the way to new possibilities within philosophy. Feuerbach's overcoming of speculative problems made possible the rise of a new materialism, different from modern vulgar mechanism, and capable of leading the philosophical effort towards the real problems of Man. The construction of a new philosophy by Feuerbach is one of the foundations for the development and course of thought by Karl Marx (1818 - 1883).

KEYWORDS

Feuerbach. Marx. Marxism. Ontology. Sensibility.



INTRODUÇÃO

Por vezes, o pensamento filosófico de Ludwig Andreas Feuerbach não é explorado de maneira adequada e com um devido aprofundamento nas obras próprias do pensador, sendo abordado principalmente de uma forma mediada pela interpretação de outros autores, em especial Karl Marx e Friedrich Engels (1820 – 1895). São muitos os prejuízos hermenêuticos que podem ser apontados diante dessa forma de estudo, pois são deixados de lado elementos cruciais tanto do diálogo feuerbachiano com a tradição filosófica anterior, quanto dos princípios e teses defendidos pelo autor como base para uma filosofia que corresponderia a um novo tempo para a humanidade¹.

Do ponto de vista da pesquisa acadêmica filosófica, os poucos trabalhos que se debruçam de fato sobre os escritos próprios de Feuerbach se limitam a concentrar-se quase que exclusivamente

* Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará (PPGFIL UECE), tendo desenvolvido pesquisa sobre o conceito de Entfremdung (alienação/estranhamento) na Ontologia do ser social de György Lukács. Possui graduação em Filosofia - Licenciatura pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), tendo desenvolvido pesquisa sobre o princípio do sensualismo na viragem ontológica de Ludwig Feuerbach. Possui interesse pelo campo de estudos da Filosofia política, com ênfase no pensamento de Karl Marx e nas correntes marxistas contemporâneas. Nesse contexto, possui interesse por temáticas e discussões tais como capitalismo e subjetividade, estética e política, ecossocialismo e ontologia marxista.

1 Ver nesse sentido *Princípios da filosofia: necessidade de uma reforma* (1843).

nas suas críticas e apontamentos acerca do caráter antropológico da religião. Não se pode negar que esta é uma problemática central em toda a produção filosófica do autor, porém, há no pensamento feuerbachiano um terreno extremamente frutífero para outras questões que são discutidas pelo filósofo com extremo rigor e seriedade. Encontram-se em seus textos, sobretudo naqueles redigidos na década de 1840, princípios ontológicos importantíssimos para a construção da viragem materialista que ocorreu na filosofia alemã de sua época. Esse acontecimento suplantou a tradição idealista-especulativa anterior e abriu caminhos para um novo proceder dentro do pensar filosófico.

Ao realizarmos um esforço hermenêutico de leitura sobre os escritos do autor, podemos perceber a grandiosidade do seu projeto filosófico, uma vez que ele assume uma postura crítica diante da forte tradição especulativa moderna, que atingiu o seu grau máximo de construção no sistema filosófico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831). A partir da superação deste modo de filosofar abstrato e unilateral², Feuerbach buscou direcionar o procedimento de apreensão e investigação da realidade próprio da filosofia para um caminho em comunhão com a vitalidade e existência real da natureza.

É preciso esclarecer que Feuerbach identifica certa forma de filosofar, a qual ele nomeia como tradição especulativa, que pode ser entendida como “aquela que, de Spinoza a Hegel, substitui a transcendência do divino por sua imanência ao mundo” (Aquino, 2014, p. 251). Enquanto os filósofos especulativos esforçavam-se para compreender a realidade por uma via abstrata e ideal, voltando seus esforços para construções conceituais do pensamento em diálogo consigo mesmo, Feuerbach nos elucida em seus escritos a importância da vida sensível e prática para uma compreensão correta e fiel às condições efetivas de todos os entes, pois eles não são algo dependente do pensamento humano ou divino, mas elementos sensíveis e existentes por si mesmos materialmente:

[...] “sensibilidade”, “vivacidade”, “vitalidade”, “fiscalidade”, “exterioridade” são conceitos similares para a existência material da natureza, pois a natureza que existe real e objetivamente expressa sua existência material mediante efeitos físicos, fenômenos naturais que existem não apenas idealmente no entendimento, mas também constituem para o homem efeitos sensíveis, observados sensivelmente (Chagas, 2009, p. 120).

Os apontamentos e críticas realizados por Feuerbach em seu projeto de uma nova filosofia foram responsáveis por chamar a atenção para o fato de que a atividade filosófica de investigação da realidade deve se voltar para os problemas reais da natureza e da humanidade, denunciando que a verdadeira compreensão do mundo não se encerra nos seus conceitos, mas sim na comunhão entre o pensamento e a materialidade natural.

Não se pode deixar de evidenciar a preocupação do filósofo em seus escritos da década de 30’ e 40’ com a concepção especulativa do ser. Tal ponto de vista defendia uma concepção ontológica que posicionava o ser como predicado do pensar, ou seja, como um posto pela razão divina. Segundo sua crítica, este modo de pensar, característico da filosofia especulativa, se tratava de um esforço teológico de afirmação da criação divina do mundo que se vale de uma argumentação racional filosófica (FEUERBACH, 2005e, p. 102). A partir daí Feuerbach busca fundamentar e defender o que para ele é a verdadeira relação entre o pensamento e o ser:

A verdadeira relação do pensar com o ser é unicamente esta: o ser é sujeito, o pensar predicado, mas um predicado tal que contém a essência do seu sujeito. O pensar procede do ser, mas não o ser do pensar. O ser é a partir de si e através de si – o ser só é dado por meio do ser -, o ser tem o seu fundamento em si, porque só o ser é sentido, razão, necessidade, verdade, em suma, é tudo em todas as coisas. – O ser é, porque o não-ser é não-ser, quer dizer, nada, sem-sentido (Feuerbach, 2005d, p. 96).

O pensamento feuerbachiano, bem como sua postura crítica à tradição especulativa alemã, atingiram fortemente a comunidade filosófica da época, especialmente com a publicação de sua obra *A essência do cristianismo* (1841), sobre a qual Engels comenta: “De repente, essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono” (Engels, 1985, p. 177). As polêmicas geradas a partir da publicação das teses feuerbachianas se dão pelo fato de que estas elucidam o

² Feuerbach considerava o modo de proceder da tradição especulativa como abstrato e incompleto, pois o método desta priorizava e tomava como critério de verdade apenas a razão e o pensamento, limitando-se a encarar a estrutura e substancialidade verdadeiras da realidade somente no âmbito conceitual.

pensamento idealista e especulativo como um esforço teológico e não real de afirmação da imanência divina ao mundo (Aquino, 2014, p. 251). Tal desvendamento foi responsável por preparar um caminho de superação do velho modo de proceder da filosofia especulativa e tornar possível a construção de um pensar filosófico que, por estar aberto à sensibilidade e considera-la como uma categoria ontológica, é capaz de apreender e discutir os problemas reais da existência prática e verdadeira na qual os seres humanos se inserem. Mais adiante, compreenderemos como os elementos expostos anteriormente foram cruciais para a formação do pensamento revolucionário e atento às demandas reais e históricas do mundo do jovem Karl Marx.

2 TRADIÇÃO ESPECULATIVA: A FILOSOFIA FECHADA EM SI MESMA

Enquanto historiador da filosofia, Feuerbach se dedicou a tratar de questões problemáticas e ainda não resolvidas que se mantiveram ao longo dos séculos, e, dessa maneira, percebeu entre os pensadores modernos uma série de dualismos e perspectivas unilaterais que comprometiam uma compreensão verdadeira sobre a natureza e o ser humano. O filósofo percebe na tradição moderna uma postura de valorização demasiada da razão e das faculdades pensantes do ser humano, de modo que a sensibilidade e as capacidades pré-reflexivas do homem são relegadas a um nível de contingência e até mesmo de caminho para o erro e engano no que diz respeito à investigação da realidade (Feuerbach, 2005, p. 14).

Nesse cenário de grande valorização unilateral da razão, o ser humano perde a sua integralidade, tendo suas faculdades sensíveis menosprezadas e seu grau de veracidade epistemológica excluído das categorias filosóficas. Esse processo se constitui pelo fato de que os filósofos dessa tradição afirmavam os entes da natureza como postos pela razão divina, que se objetiva no mundo e confere existência às coisas. Nesse sentido, o primado ontológico da realidade é compreendido como o pensar divino, que, sendo perfeito e autônomo, põe de si mesmo a realidade. O ser torna-se então algo subordinado à razão divina, sendo sobre ela onde repousa a sustentação da existência de todas as coisas.

Uma das consequências desse modo de pensar é a condução do filosofar por uma via julgada por Feuerbach como abstrata e insuficiente, pois, para os pensadores da tradição especulativa, se a verdade da realidade repousa na razão divina, cabe aos filósofos elucidarem as questões sobre a natureza e o ser humano por meio do estudo dos conceitos e dos desdobramentos do espírito, seja no nível subjetivo como também objetivo. Há também nesse contexto uma outra grande implicação, a saber, a desvalorização da sensibilidade, vista por esses autores como via de engano, ressaltada por Hegel como: “O sentimento como tal é em geral a forma do sensível, que temos em comum com os animais” (Hegel, 1995, p. 68). A intuição sensível é tomada então como uma interferência negativa na investigação racional da realidade, e como um obstáculo para o verdadeiro filosofar, pois este busca desvendar as categorias do pensamento humano e divino que se identificam com as próprias propriedades do mundo e da verdade: “Nesse sentido, o pensamento não é apenas pensamento, mas antes é a maneira mais alta e, considerado com rigor, a única maneira em que se pode ser apreendido o eterno e o essente em si e para si” (Hegel, 1995, p. 68).

O pensar passa a ser tomado como absoluto e suficiente para o proceder filosófico, de maneira que os pensadores devem dedicar suas atenções e esforços em direção à compreensão das categorias lógicas e do pensamento puro. A crítica feuerbachiana incide sobre todo esse cenário histórico-filosófico com o intuito de denunciar o fato de que essas concepções especulativas que subjugam o ontológico ao lógico, ou seja, o ser ao pensar, acabam por trilhar um caminho de investigação da realidade abstrato, incompleto e ilusório. O caminho percorrido pelo pensador que se mantém apenas nas investigações de caráter especulativo é um desdobrar-se sistemático do pensamento apenas sobre si mesmo. Ao recusar o corpo e a sensibilidade, o filosofar fecha-se para a exterioridade natural do mundo e se encerra no movimento do pensamento dentro de si próprio. A subjetividade do pensador nesse caso pode ser capaz de criar as mais complexas e belas construções especulativas, porém, todas essas formulações correm o forte risco de não terem ligação e correspondência alguma com a realidade objetiva.

É por meio do corpo e da sensibilidade que o pensamento pode de fato abrir-se para a exterioridade e captar nela as suas questões e problemáticas reais. O pensamento, portanto, “pela

corporeidade, ele está aberto a natureza, ao mundo, pois estar no corpo quer dizer nada mais do que estar no mundo” (Chagas, 2009, p. 123). É possível afirmar, segundo Feuerbach (2005d, p. 90), que ao negar o corpo, a sensibilidade e a intuição, a filosofia acaba por engendrar-se em uma via abstrata do pensamento em um livre desenvolvimento puramente lógico e desprovido de uma relação concreta com os verdadeiros problemas e objetos de investigação do ser humano e da natureza. O voltar-se da filosofia para a sensibilidade é condição de possibilidade para a construção de um filosofar verdadeiro e capaz de dar conta das demandas reais dos seres humanos, pois estes não são seres unicamente pensantes, mas sim seres que sentem, sofrem, amam e criam (Feuerbach, 2005c, p. 84).

3 ONTOLOGIA MATERIALISTA E A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO DE MARX

A influência do pensamento feuerbachiano sobre Marx é notória e de extrema importância para se compreender de que maneira a filosofia foi conduzida do nível da abstração unilateral idealista para o nível realista do materialismo histórico. Em sua juventude, especialmente na obra *Manuscritos Econômico-filosóficos* (1844), Marx evidencia o quanto foram importantes as críticas e descobertas de Feuerbach em relação ao sistema hegeliano. Na visão marxiana, Feuerbach foi o único pensador da escola hegeliana capaz de tratar das problemáticas e complicações da filosofia especulativa de modo a contribuir de fato com a superação do velho modo de pensar:

Feuerbach é o único que tem para com a dialética hegeliana um comportamento sério, crítico, e o único que fez verdadeiras descobertas nesse domínio, ele é em geral o verdadeiro triunfador da velha filosofia. A grandeza da contribuição e a discreta simplicidade com que Feuerbach a outorga ao mundo estão em flagrante oposição à atitude contrária (Marx, 2010, p. 117).

A relação entre Feuerbach e Marx está bastante além do reconhecimento de um para com as contribuições do outro. A filosofia marxiana é fortemente influenciada pelas elucidaciones realizadas pelo empreendimento crítico feuerbachiano. Ao apontar para as descobertas feitas por Feuerbach, Marx evidencia uma delas que constitui um apontamento decisivo para a construção de sua própria filosofia: “A fundação do verdadeiro materialismo e da ciência real, na medida em que Feuerbach toma, do mesmo modo, a relação social, a do ‘homem com o homem’, como princípio fundamental da teoria” (Marx, 2010, p. 118). Muito embora Marx, juntamente com Engels, em outras obras³ critique diversos pontos da perspectiva de Feuerbach sobre as relações sociais e a história, percebe-se aqui que este filósofo trás as investigações filosóficas do plano conceitual e puramente lógico para o universo dos desdobramentos reais entre os homens em sua relação com a natureza. Em Feuerbach, compreende-se um materialismo vivo que valoriza as relações reais entre o ser, compreendido como concreto, material e sensível e os seres humanos enquanto seres pensantes e também sensíveis.

A filosofia social de Marx está alicerçada sobre um terreno ontológico preparado anteriormente por Feuerbach. Enquanto no pensamento dos autores idealistas, o ser é tomado como um posto pelo pensamento, no materialismo feuerbachiano, o ser é o primado substancial da realidade e é a partir dele que o pensar humano pode se desenvolver. Portanto, as categorias ontológicas de Feuerbach apontam para a sensibilidade e concretude como características fundamentais da realidade objetiva. É por sobre esses princípios ontológicos que se desenvolvem os esforços reais de investigação do ser humano enquanto ser genérico, cuja a existência jamais é autônoma, mas dependente da natureza e do gênero.

Muito embora Marx não tenha se dedicado em suas obras a tarefa de sistematizar e explorar a fundo uma estruturação de categorias ontológicas, é possível compreender que há uma fundamentação dessa natureza em seu pensamento:

Por um lado, nenhum leitor imparcial de Marx pode deixar de notar que todos os seus enunciados concretos, se interpretados corretamente, isto é, fora dos preconceitos da moda, são ditos, em última análise, como enunciados diretos sobre certo tipo de ser, ou seja, são afirmações puramente ontológicas (Lukács, 2012, p. 195).

Sendo assim, ao se referir ao homem, Marx o concebe como um existente concreto, sensível e em relação direta com a objetividade. A existência humana e sua atividade são abordadas como

³ Ver nesse sentido a obra escrita em conjunto com Engels *A ideologia alemã* (1846) e o escrito de Marx *Teses sobre Feuerbach* (1845).

elementos reais e vinculados à vida prática de uma natureza externa ao pensar, uma natureza não posta pelo espírito, mas que possui uma existência em si mesma. O olhar marxiano se dirige então a seres humanos reais e às suas necessidades igualmente reais:

Que o homem é um ser corpóreo, dotado de forças naturais, vivo, efetivo, objetivo, sensível significa que ele tem objetos efetivos, sensíveis como objeto de seu ser, de sua manifestação de vida (*lebensäußerung*), ou que ele pode manifestar (*äussern*) sua vida em objetos sensíveis efetivos (*wirkliche sinnliche Gegenstände*). É idêntico: ser (*sein*) objetivo, natural, sensível e ao mesmo tempo ter fora de si objeto, natureza, sentido, ou ser objeto mesmo, natureza, sentido para um terceiro (Marx, 2010, p. 127).

Aqui se ressalta a definitiva importância da elucidação feita por Feuerbach por meio do seu princípio ontológico do sensualismo, o qual afirma que somente um ser sensível é um ser verdadeiro (Feuerbach, 2005e, p. 138). A preocupação de Marx não se concentra no desenvolvimento dos conceitos e termos lógicos tal qual os filósofos da tradição especulativa, mas se volta aos seres humanos reais, suas necessidades e sua atividade sensível sobre a natureza e sobre a sociedade: “o pensamento de Marx opera em primeiro plano com o que é o real, para aferir as questões epistemológicas e metodológicas impostas pelo ser para o conhecimento” (Costa, 2009, p. 10).

Na obra *A ideologia alemã* (1846), Marx e Engels expressam um pensamento mais bem definido e com categorias mais precisas em relação ao seu método, a saber, o Materialismo histórico-dialético. Nesse escrito, os autores expõem diversas críticas à postura filosófica de Ludwig Feuerbach, por notarem nela certos pontos que não foram abordados de maneira satisfatória pelo filósofo, pois estes permaneceram ainda em um terreno idealista⁴. Os primeiros parágrafos da obra mostram a discordância dos autores em relação a muitos aspectos defendidos por Feuerbach, mas sem deixar de levar em consideração às suas contribuições no campo da filosofia. Um dos principais aspectos denunciados sobre o pensamento feuerbachiano é a sua incapacidade de empregar de forma adequada a dialética desenvolvida por Hegel em um âmbito histórico-material. Mesmo ao se afastarem do pensamento feuerbachiano, é possível notar a presença marcante das contribuições ontológicas nas teses defendidas por Marx e Engels:

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não tem história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência (Marx; Engels, 2007, p. 94).

Mesmo indo mais adiante do que o propósito filosófico de Feuerbach, Marx permanece ainda como um herdeiro de sua crítica e de seus princípios ontológicos. Ao elucidar a filosofia especulativa em teologia, e por sua vez esta em antropologia⁵, Feuerbach traz à tona que é a vida material e prática dos seres humanos que deve ser investigada pela filosofia, pois é nela que se encontra o fundamento ontológico real da existência humana.

CONCLUSÃO

Concluimos nossa exposição defendendo a concepção de que Ludwig Feuerbach e seu pensamento representaram para Karl Marx algo muito além do que um mero objeto de crítica. O pensamento marxiano, enquanto investigação da *práxis* histórica humana, como método de estudo

4 Marx reconhece o mérito de Feuerbach por ele ter trazido a atenção da filosofia para as relações humanas e ao seu universo material e sensível. Porém, ao tratar deste aspecto, Feuerbach teria estabelecido o amor e os sentimentos como fatores decisivos nas mediações dos fenômenos que acontecem na dimensão do gênero humano. Neste ponto, segundo Marx, o pensamento feuerbachiano acaba por se conduzir a uma via ainda idealista e insuficiente para a compreensão da atividade humana em sociedade.

5 Ver nesse sentido *A essência do cristianismo* (1841).

crítico do modo de produção capitalista e como teoria revolucionária da mudança social só é pensável, e só foi possível devido às contribuições resultantes da crítica feuerbachiana à tradição filosófica especulativa, em especial a Hegel. Sem mostram também como elementos cruciais para o desenvolvimento do método de Marx as teses ontológicas de Feuerbach que buscaram resgatar na filosofia a sua preocupação com a objetividade sensível do mundo.

O caminho que a filosofia moderna vinha trilhando antes da incisiva crítica feuerbachiana era uma via abstrata de conceitos e construções especulativas que pouco tinham relação com a condição concreta da natureza e do mundo. Os filósofos da tradição especulativa, ao tomarem o pensamento e a razão como instâncias máximas do ser humano, acabaram por deixar de lado aspectos fundamentais que compõem a integralidade da existência humana, a saber, a sensibilidade e a vida prática. A principal consequência dessa concepção incompleta do homem e do mundo foi o fato de que, durante os séculos em que a concepção especulativa da realidade se manteve, sobretudo durante o Idealismo alemão, a filosofia permaneceu presa em si mesma, pois os autores deste cenário posicionaram a verdade do ser no âmbito lógico, especificamente no nível do pensamento puro, que não se abre à exterioridade natural e se contenta com a elaboração e a construção de grandes sistemas de pensamento. A filosofia que assim se desenvolvia, pouco era capaz de dar conta das demandas reais das sociedades humanas.

Foi identificando essas problemáticas e seus comprometimentos que Feuerbach realizou uma mudança crucial no modo de filosofar por meio de uma forte crítica ao caráter abstrato e incompleto da assim chamada velha filosofia. É no pensamento feuerbachiano que a filosofia alemã se dirige para o ser em sua verdadeira forma: sensível, concreto, natural e exterior ao pensar humano e divino. O projeto de Feuerbach em construir uma filosofia para o futuro não se tratou apenas de um intento pessoal em criar algo novo simplesmente dentro do filosofar, mas foi um empreendimento que, segundo o autor, corresponde à demanda de uma época da humanidade, para a qual era necessária uma reforma no modo de pensar, para que a filosofia saísse de um campo conceitual abstrato e unilateral em direção à realização de sua verdadeira potência enquanto ciência da investigação da realidade em sua verdade.

O esforço feuerbachiano em re-estabelecer a filosofia enquanto área de conhecimento potente e transformadora da realidade abriu caminhos para o desenvolvimento de um método de compreensão do mundo que possui uma crucial importância para a humanidade até a nossa época, a saber, o Materialismo histórico-dialético de Marx e Engels. A superação da filosofia abstrata moderna e a construção de um novo materialismo foram condição de possibilidade para o surgimento de teorias críticas da sociedade e do modo de produção capitalista. A atenção para o concreto, para o objetivo e para o real presente em Marx é uma grande herança dos princípios filosóficos defendidos por Feuerbach em seu projeto de reforma na filosofia⁶.

Devemos deixar claro que a formulação do método marxiano não é resultado apenas das contribuições materialistas feuerbachianas. Em seu caminho intelectual, Marx analisou de modo profundo o sistema de pensamento hegeliano, tendo concebido que determinados desenvolvimentos filosóficos desse pensador se trataram de grandes avanços na compreensão ontológica do real. Nesse sentido, a dialética de Hegel foi incorporada por Marx na construção de seu método, no entanto, submetida à crítica e à perspectiva materialista de compreensão da relação entre natureza e ser social. E, nesse modo de proceder acerca da filosofia hegeliana, nota-se novamente a forte influência do pensamento feuerbachiano sobre Marx, tendo em vista que a primazia da concretude sensível na construção de uma dialética marxiana é seu legado direto.

Por meio dessa linha de argumentação aqui defendida, pode-se também evidenciar a importância e a riqueza da filosofia de Feuerbach, pois seu pensamento se trata de uma crítica corajosa perante toda uma tradição que se fazia presente dentro da história da filosofia. Embora seja um pensador muitas vezes negligenciado e tomado com um certo preconceito, não se pode negar o papel decisivo

⁶ Não se pode deixar de levar em consideração a imensa influência também do pensamento hegeliano na filosofia de Marx. Embora o pensamento feuerbachiano tenha sido crucial para a formação do jovem Marx, a dialética de Hegel e sua atenção para com o movimento histórico da realidade se fizeram presentes nas concepções marxianas até mesmo em suas obras mais tardias.

tanto da crítica quanto das categorias e princípios defendidos pelo autor que foi responsável em seu tempo pela realização de uma viragem ontológica que tornou possível o desenvolvimento de métodos filosóficos que seguem em comunhão com as demandas reais da humanidade mesmo no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, João Emiliano Fortaleza de. Feuerbach e a fundação sensível da filosofia: imediatidade e mediação na relação EU-TU. Belo Horizonte: **Kriterion**, 2014. p. 247-263.
- CESA, Claudio. **Introduzione a Feuerbach**. Roma-Bari: Laterza, 1978.
- CHAGAS, Eduardo Ferreira. A Primazia da Natureza ante o espírito em Ludwig Feuerbach. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 32, n. 2, p. 119-133, 2009.
- COSTA, Frederico Jorge Ferreira. A natureza ontológica do pensamento de Marx. **Arma da crítica**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 1-13, 2009.
- DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUPUY, Maurice. **A filosofia alemã**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- ENGELS, Friedrich. Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Obras Escolhidas**. Lisboa/Moscovo: Avante/Progresso, 1985. cap. 3, p. 171-207.
- FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Braga: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.
- FEUERBACH, Ludwig. A Karl Riedel para a rectificação do seu esboço. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005a.
- FEUERBACH, Ludwig. Para a crítica da filosofia de Hegel. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005b.
- FEUERBACH, Ludwig. Algumas considerações sobre “O começo da filosofia do Dr. J. F. Reiff”. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005c.
- FEUERBACH, Ludwig. Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005d.
- FEUERBACH, Ludwig. Princípios da filosofia do futuro. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005e.
- FEUERBACH, Ludwig. Princípios da filosofia: necessidade de uma reforma. In: FEUERBACH, Ludwig. **Filosofia da sensibilidade. Escritos (1839-1846)**. Tradução portuguesa de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005f.
- FEUERBACH, Ludwig. **A essência do Cristianismo**. Tradução brasileira de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FEUERBACH, Ludwig. **Preleções sobre a essência da religião**. Tradução brasileira de José da Silva Brandão. Petrópolis: Vozes, 2009.
- TOMASINI, Francesco. **Ludwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo**. São Paulo: Loyola, 2015.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**. v. 1. Tradução brasileira de Cristian G. Iber, Marloren L. Miranda e Federico Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.

- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. Em compêndio. Tradução brasileira de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995, v. 1, A ciência da Lógica.
- LOPES, Fátima Maria Nobre. O caráter ontológico da filosofia de Feuerbach segundo Lukács. **Dialectus**, Fortaleza, v. 2, n. 6, p. 120-129, 2015.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MARTINS, Felipe Assunção. **A encarnação da filosofia**: uma análise da filosofia da sensibilidade de Ludwig Feuerbach. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2015.
- MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A sagrada família**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MCLELLAN, David. **Marx y los jovenes hegelianos**. Barcelona: Ed. Martinez Roca, 1969.
- PERONE, Ugo. **Invito al pensiero di Feuerbach**. Milano: Mursia, 1992.
- PERONE, Ugo. **Teologia e sperienza religiosa in Feuerbach**. Milano: Mursia, 1972.
- SERRÃO, Adriana Veríssimo. **A humanidade da razão**: Ludwig Feuerbach e o projecto de uma Antropologia Integral. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1999.
- SCHMIDT, Alfred. **Feuerbach o la sensualidade emancipada**. Madrid: Taurus, 1975.
- SOUSA, André Luís Bonfim. **Questão de método em Ludwig Feuerbach**: da carta a Karl Riedel aos princípios da filosofia do futuro. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- SOUSA, Karla Samara dos Santos. A filosofia do futuro como filosofia da sensibilidade em Ludwig Feuerbach. **Revista brasileira de filosofia da religião**, Brasília, v. 3, n. 2, p. 85-102, 2016.

